



KAFKA E A CRÍTICA DA MODERNIDADE

Marcos Antonio de Menezes*

Universidade Federal de Jataí – UFJ

 <https://orcid.org/0000-0001-8472-8186>
pitymenezes.ufg@gmail.com

O presente mini dossiê dedicado a Franz Kafka reúne três estudos que, partindo de perspectivas distintas, convergem na reafirmação da atualidade crítica de sua obra e na complexidade de sua recepção intelectual. Longe de propor uma leitura unívoca, os textos aqui apresentados evidenciam a produtividade hermenêutica de Kafka, explorando sua inserção em debates teológicos, filosóficos, estéticos e políticos que atravessam o século XX e alcançam nosso presente.

A unidade do dossiê não reside em um método comum, mas na consciência compartilhada de que a obra kafkiana constitui um campo de tensões: entre lei e revelação, alegoria e história, estética e política, modernidade e crítica social. Os artigos se articulam, assim, como três movimentos complementares: o primeiro investiga a dimensão teológico-messiânica na leitura de Kafka, especialmente a partir do diálogo com Walter Benjamin e Gershom Scholem; o segundo aprofunda a interpretação benjaminiana da obra kafkiana como alegoria da modernidade; o terceiro reconstrói a recepção marxista de Kafka no Brasil, entre 1962 e 1989, evidenciando a construção de uma tradição crítica própria no interior do pensamento comunista brasileiro.

O artigo “A Frágil Luz do Anjo: a constelação Kafka, Walter Benjamin e Scholem” de Maria João Cantinho concentra-se na controvérsia hermenêutica que envolve Kafka, Benjamin e Scholem, examinando as tensões entre revelação e ausência de sentido, tradição e ruptura, lei e culpa. A partir da leitura da célebre parábola “Diante da Lei” — inserida em *O Processo* — o texto evidencia como a narrativa kafkiana

* Professor titular da Universidade Federal de Jataí (UFJ) e atua no Programa de Pós-Graduação em História (Mestrado e Doutorado) da Universidade Federal de Goiás (UFG), em Goiânia, desde 2005.

problematiza a própria possibilidade de acesso à verdade ou à justiça. A lei aparece como instância inacessível, cuja opacidade não anula, mas intensifica a expectativa de sentido.

O diálogo entre Benjamin e Scholem revela dois modos distintos de compreender essa opacidade. Para Scholem, profundo conhecedor da mística judaica, Kafka ainda estaria vinculado à tradição teológica judaica, ainda que sob a forma de uma revelação obscurecida. Já para Benjamin, a obra kafkiana expressaria antes uma “teologia negativa”, na qual a revelação se manifesta como ausência, como silêncio, como suspensão. A transcendência não é negada; ela se retira. Nesse gesto, Kafka inscreve-se numa constelação moderna em que a promessa de redenção sobrevive apenas como vestígio.

O artigo demonstra que essa divergência não é apenas filológica ou religiosa, mas filosófica e política. Ao tematizar a inacessibilidade da lei, Kafka dramatiza a experiência moderna da burocracia e da racionalidade instrumental. A transcendência desloca-se para o interior das estruturas institucionais, convertendo-se em mecanismo impessoal. A leitura benjaminiana, ao aproximar Kafka da alegoria barroca e da crítica da história, enfatiza precisamente esse aspecto: a lei não é apenas metáfora religiosa, mas figura histórica da dominação.

“Kafka, um século depois: uma leitura benjaminiana” de Marcos Antonio de Menezes aprofunda esse horizonte ao examinar de modo sistemático a interpretação de Kafka elaborada por Walter Benjamin. Mais do que um comentário literário, a leitura benjaminiana constitui uma intervenção decisiva na crítica da modernidade. Ao interpretar as narrativas kafkianas como alegorias do mundo administrado, Benjamin identifica nelas a expressão de uma experiência histórica marcada pela fragmentação, pela perda da experiência transmissível e pela ascensão da burocracia.

Nessa perspectiva, obras como *O Castelo* e *O Processo* deixam de ser vistas como exercícios de absurdo ou existencialismo avant *la lettre* e passam a ser compreendidas como construções alegóricas que tornam visível a lógica impessoal do poder moderno. A autoridade que se manifesta nas instâncias anônimas do castelo ou do tribunal não é apenas metafísica; ela é histórica. Kafka captura a forma social do capitalismo avançado, na qual o poder se exerce sem rosto e sem fundamento visível.

O artigo demonstra ainda como Benjamin se afasta das interpretações que reduzem Kafka a um autor religioso ou existencial. Ao contrário, a dimensão teológica da obra é inseparável de sua crítica social. A parábola, a narrativa fragmentária e a suspensão do sentido não indicam evasão, mas uma forma específica de conhecimento histórico. A

alegoria kafkiana desvela a ruína das promessas modernas e a persistência de estruturas de dominação que operam sob o signo da racionalidade.

Ao enfatizar a afinidade entre Kafka e a tradição alegórica, Benjamin o insere numa linhagem crítica que inclui o barroco alemão e a experiência moderna da catástrofe. O texto do dossiê evidencia como essa leitura permite compreender Kafka não como autor da angústia abstrata, mas como intérprete agudo de um mundo em que a lei se autonomiza e o indivíduo se vê enredado em mecanismos que escapam à sua compreensão.

O artigo “Franz Kafka lido por comunistas brasileiros (1962-1989)” de João Alberto da Costa Pinto desloca o foco para a recepção brasileira de Kafka, investigando as leituras produzidas por quatro intelectuais comunistas entre 1962 e 1989: Maurício Tragtenberg, Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho e Michael Löwy. O estudo demonstra que, longe de reproduzir a condenação lukacsiana da literatura de vanguarda, esses autores elaboraram uma leitura de Kafka como crítico radical do capitalismo e da burocracia.

O ponto de partida é a polêmica com Georg Lukács, que classificara Kafka como representante do “antirrealismo” decadente. Contra essa avaliação, os intelectuais brasileiros argumentaram que a forma fragmentária e alegórica da obra kafkiana correspondia às transformações do capitalismo monopolista e às novas formas de alienação. Kafka não seria um autor escapista, mas um realista de novo tipo, capaz de captar a lógica impessoal do mundo administrado.

O artigo evidencia como essas leituras se articulam ao contexto da ditadura militar brasileira. A experiência do autoritarismo, da censura e da repressão conferiu nova densidade às narrativas kafkianas sobre culpa, processo e instâncias inacessíveis de poder. A parábola “Diante da Lei” e romances como *O Processo* foram reinterpretados como metáforas do Estado autoritário e da violência institucional.

Particularmente instigante é a análise da contribuição de Michael Löwy, que aproxima Kafka de uma tradição libertária e de uma “teologia negativa” afinada com a crítica radical do Estado. Ao lado das leituras de Tragtenberg, Konder e Coutinho, constitui-se assim uma tradição marxista brasileira de interpretação kafkiana, marcada pela heterodoxia e pela recusa ao dogmatismo.

Considerados em conjunto, os três artigos revelam a potência transdisciplinar da obra de Kafka. Ela atravessa a teologia, a filosofia, a teoria literária e a história intelectual; desafia categorias fixas; resiste a apropriações simplificadoras. Se, por um lado, a

discussão entre Benjamin e Scholem ilumina o problema da revelação e da tradição, por outro, a recepção marxista brasileira demonstra como a obra kafkiana pode ser reinscrita em contextos históricos específicos, adquirindo novos sentidos sem perder sua densidade original.

O mini dossiê evidencia ainda que Kafka permanece um autor decisivo para pensar a modernidade tardia. Em um mundo marcado pela expansão de aparatos burocráticos, pela opacidade das instituições e pela crescente autonomização das estruturas de poder, suas narrativas continuam a oferecer imagens críticas de rara precisão. A lei inacessível, o processo interminável, o castelo inalcançável não são apenas metáforas literárias: são formas de experiência histórica.

A Revista Fênix, ao reunir estes estudos, reafirma seu compromisso com a reflexão crítica e com o diálogo interdisciplinar. O dossiê não pretende encerrar o debate sobre Kafka — tarefa impossível diante da riqueza de sua obra —, mas contribuir para sua renovação. Ao articular tradição teológica, crítica benjaminiana e recepção marxista brasileira, os textos aqui apresentados demonstram que Kafka permanece um interlocutor incontornável para aqueles que buscam compreender as ambiguidades e as contradições da modernidade.

Assim, este conjunto de estudos convida o leitor a reencontrar Kafka não como autor de um universo hermético, mas como pensador literário da lei, do poder e da esperança suspensa — um escritor cuja obra, ao mesmo tempo enigmática e historicamente situada, continua a interpelar nosso tempo.